

# nordês



PERIÓDICO ANARQUISTA

Umha colaboraçom entre  
A irmandade da costa e  
Ardora (s)ediçoms anarquistas



## N6 · SETEMBRO 2018

**O AVANÇO DA ULTRADEREITA E A CONSOLIDAÇÃO DO DISCURSO XENÓFobo SOBRE A IMIGRAÇÃO  
SIMPLICIDADE**

**LIBERDADE DE EXPRESIÓN EN 1904 VS LIBERDADE DE EXPRESIÓN NO 2018**

**O BOCHORNO DA OPERACIÓN ICE**

**SEM REFÚGIO**

# O avanço da ultradereita e a consolidação do discurso xenófobo sobre a imigração

Todo por hacer

«Os fascistas do futuro nom vam ter aquele estereotipo de Hitler ou de Mussolini. Nom vam ter aquele gesto de duro militar. Vam ser homens falando de todo aquilo que a maioria quer ouvir. Sobre bondade, família, bons costumes, religiom e ética. Nessa hora vai surgir o novo demónio, e poucos vam perceber que a história se está a repetir»

—José Saramago

Nom é nenhum segredo que Pablo Casado ganhou as primárias do PP apelando a umha direita que a cada vez se vê mais forte. Apoiado polo lobby homófono ultracatólico Hazte oír, Casado reivindicou a «Espanha que pom bandeiras nas ventás» e assegurou que procurava o voto de «gente que se foi a Ciudadanos e a VOX» e pola sua parte, o presidente deste último partido, Santiago Abascal, felicitou-lhe e celebrou que teriam «alguns pontos de encontro». Quiçá referia-se ao facto de que há uns meses Casado lhe desejou o mesmo destino a Carles Puigdemont que ao fuzilado Lluís Companys.

No mês e pico que o golfinho de Aznar leva liderando o seu partido, já manifestou opor-se à exhumación de Franco do Valle dos Caídos e procura voltar à regulação sobre o aborto da década dos 80. Declarou a guerra a «ideologia de género» em firme defesa do status quo heteropatriarcal. Mas onde encontrou o seu maior nicho de apoios foi com o tema da imigração.

## Um fantasma percorre a Europa... o fantasma do fascismo

Casado nom duvidou em somar aos discursos xenófobos em matéria de imigração da ultradereita europeia, encabeçada por Salvini na Itália (com tanto poder que nom tem a mais mínima reticencia em emular a Mussolini e refazer um censo de ciganos na Itália ante o silêncio cúmplice europeu), Orbán na Hungria, FPÖ's da Áustria, a AfD da Alemanha, os Finns da Finlândia ou os Sweden Democrats da Suécia, Trump em EEUU e Le Pen na França. Encontramo-nos ante umha Europa que alardea de ser a vanguarda mundial, a inventora da democracia liberal, e que já nom é capaz

de disimular a sua decadência. Umha Europa que já sabe o que pode vir e nom se atreve, sequer, a susurra-lo.

## O discurso xenófobo na política espanhola

«Espanha nom pode absorver a milhons de africanos», «há estudos policiaes que dim que há um milhom de imigrantes nas costas libias que se estam a propor umha nova rota através da Espanha», «há ONGs que calculam que há 50 milhons de africanos que estam a coletar dinheiro para poder fazer essas rotas» e «vou visitar Ceuta e Algeciras para abraçar à Guardia civil e à Polícia Nacional», som algumas das perlas que soltou no final do mês de julho. Mas a sua oportunidade dourada viu-na no momento no que o Governo de Pedro Sánchez autorizou que o barco da ONG Open Arms, o Aquarius, desembarcasse no porto de Valencia a 629 migrantes que levava a bordo porque o governo racista italiano negou-se a lhes resgatar. Casado aproveitou a ocasião para pôr-se diante das câmaras e falar do «efeito chamada» que estava a gerar o novo governo.

Pola sua parte, o líder de Ciudadanos, Albert Rivera, adiantou-se a Casado, viajou a Ceuta em um dia antes que ele e se somou ao discurso do efeito chamada. «Quería vir a conhecer de primeira man a pressom migratória e a apoiar aos nossos agentes. Para pôr fim à imigração irregular, precisam apoio e aqui sinto em falta ao Governo», declarou Naranjito. Escreveu em agosto Yayo Ferreiro um artigo no que nos resumia da seguinte maneira a situação atual: «Nestes momentos, Rivera e Casado, ao Salvini, rivalizam por ver quem enarbola com mais força a bandeira do controlo das fronteiras, dos limites à entrada de estrangeiros pobres, do acrescentamento dos benefícios económicos e eleitorais que gera tratar a migração como se fosse um problema de segurança. Alguns meios de comunicação oferecem dados falsos ou médias verdades sobre a entrada de pessoas, inventam doenças e falsas ameaças que reforçam a perceção da gente. Promete-se a volta a umha Espanha próspera e canhí que nunca existiu».

Poderíamos entrar a rebatir o discurso xenófobo que sustenta a direita, citando estudos da OCDE e a OIT que asseguram que a chegada de migrantes melhora a economia dos países do primeiro mundo, ou fazendo ver que é impossível que dias após o primeiro acolhimento do Aquarius se poida falar de efeito chamada quando falamos de viagens que requerem meses de planeamento, ou pondo em perspetiva os dados desta suposta «invasom estrangeira»: em 2017 entraram 27.000 migrantes no Estado

espanhol. Em 2016, quase 14.000. Se juntássemos a todas encheríamos umha quarta parte do Bernabéu.

Poderíamos entrar todas estas questões, mas nom nos parecem prioritárias em um artigo tam breve como o é este. Porque para nós a razão pola que apostamos em apoiar a todas as pessoas migrantes que procuram entrar nas nossas fronteiras nom é porque seja positivo para a economia, senom porque estamos a falar de seres humanos que fogem da guerra, da miséria, do terrorismo, da corrupção e da perseguição, polo que entendemos que é nosso dever prestar ajuda.

## A assunção do discurso anti-imigração pola centro-esquerda

Matteo Salvini jactou-se de nom ter permitido o desembarco do Aquarius, repleto, dizia textualmente, «de carne humana» no seu país. Este termo nom é em absoluto neutro, nem inocente. Yayo Ferreiro, no seu artigo «Carne Humana», explica que «a valoração da vida animal como simple carne supom a transformação de muitos seres vivos em umha mercadoria. [...] Os discursos do poder recorrerom sempre a deshumanizar e animalizar —em umha cultura, insisto, onde o animal é desprezado— aqueles setores aos que se quer ignorar ou explodir. Tírar-lhes a qualidade humana, desprezar-lhes e reduzi-los a carne, é o passo prévio para poder legitimar a exploração e, em regimes autoritários e desumanos, o abandono e inclusive o exterminio. Primo Levi conta como os nazistas, antes de matar judeus, ciganos, comunistas e homossexuais, lhes arrebatavam a condição humana reduzindo-lhes à pura condição de carne».

Quiçá a esquerda institucional nom chegue a assumir a redução a pedaços de carne de Salvini, mas também nom elaborou um discurso. Meros dias após autorizar a chegada do Aquarius ao port de Valencia e de receber as críticas de Casado e Rivera, Pedro Sánchez mantivo reuniões com Macron (França) e Merkel (Alemanha) para fazer frente «à ameaça da imigração» com umha política europeia comum.

Um tuit do jornalista Antonio Maestre resumiu à perfeição o que opinamos das palavras de Sánchez: «Pedro Sánchez dizendo que a chegada de imigrantes é umha ameaça. A extrema direita sempre lhe marcou o passo aos social-democratas de terceira via. Pusilánimes».

Desde entom, as ações do governo socialista foram consequentes com as declarações de Sánchez. O 23 de agosto devolverom a Marrocos 116 pessoas que no dia anterior entraram na Espanha através da cerca de Ceuta. As devoluções pratica-

rom-se em aplicação do Acordo de Readmisom de 1992 entre o Reino da Espanha e o Reino de Marrocos, em virtude do qual Espanha pode entregar ao país vizinho a quem desde ali acedera irregularmente ao nosso território, com independência do seu país de origem (um acordo que até agora Marrocos tinha-se negado a cumprir e que agora, misteriosamente, aceitou)[1]. Em «*La Valla de Ceuta y el asalto a las normas*»(publicado no Salto[2]), a advogada Patricia Orejudo conclui o seguinte: «*Feretal normalizaçom do sofrimento de milhares de pessoas, baixo pretexto da proteçom das nossas fronteiras. Fere que a quem se tem desposeído através da violència, a exploraçom e o expolio, agora se lhes negue inclusive a sua condiçom humana e se lhes prive também dos seus direitos mais básicos. Porque quando os direitos de «os outros» nom se protegem, quando o Estado atua à margem do Direito, o dano é bem mais profundo e irreparável do que imaginamos. Se o discurso do medo e do ódio seguem assentando-se, se as políticas racistas e xenófobas justificam-se e proliferan, o que peligr é a construçom de sociedades justas e igualitarias. Peligran os direitos de todas*».

Na conferência de imprensa que seguiu ao passado Conselho de Ministros, a vice-presidenta, Carmen Calvo, enfatizou e fez questom da violència e agresividad dos migrantes. De facto, 10 imigrantes foram detidos por delitos de atentado à autoridade e pertença a organizaçom criminal «por organizar e dirigir a intrusión em massa e violenta», segundo Interior.

«*Segurança, sim, mas sobretudo humanidade, mas humanidade nom é igual a permissividade*», declarou o ministro do Interior, Grande-Marlaska, no Congresso. Frase para a coleçom de manifestaçoms de insignes sociatas em matéria de imigraçom, como as de Alfredo Pérez Rubalcaba («*se somos laxos com a imigraçom ilegal, a avalancha nom há quem a pare*»), Alfonso Guerra («*as segundas geraçoms de imigrantes podem gerar os problemas*») ou de Celestino Corbacho («*tolerância zero*»).

## O avanço do fascismo na rua

A ultradereita nom só está a acomodar-se nas instituiçoms europeias; também au-

mentou a sua presença na rua. Hogar Social e Mencer Dourado desatam ondas de ódio em Madrid e Grécia e em Bulgária patrulhas procuram imigrantes na fronteira, por citar alguns exemplos.

O 26 de agosto, uns 800 neonazis lançaram-se à «*caça do estrangeiro*» polas ruas da cidade de Chemnitz em sinal de protesto pola morte de um cidadá alemam de 35 anos —um carpintero de origem cubano, segundo informaçoms do semanário Der Spiegel— que se viu imerso em uma briga com dois iranianos. Ao dia seguinte, outra manifestaçom reuniu a milhares de fascistas mais em um país que até agora foi o melhor exemplo de desnazificaciom da sociedade.

Escreve Carmela Negrete no Salto[3] que «nom se lembra algo parecido desde a reunificaçom. Milhares de neonazis e hooligans percorrem as ruas de uma cidade alemá gritando «fora os estrangeiros» «*Alemanha para os alemás*», enquanto amedrentan e apalean a estrangeiros e todo aquel que se lhes opom no seu caminho.

Cenas fantasmagóricas que lembram aos pogromos, às perseguiçoms de judeus, que tiveram lugar durante a república de Weimar antes de que Hitler se alçasse ao poder a princípios do século passado. Assim valora de forma literal o semanário Spiegel a noite de ontem na cidade do este alemá de Chemnitz, a terça maior do estado de Sajonia. O repórter de dita publicaçom Raphael Thelen descreve como um neonazi ataca polas costas a um jovem sem mediar palavra, o tira ao cham e o atinge umha e outra vez até que chega a polícia, que estava mais que ultrapassada essa noite. Episódios como este derom como saldo um total de 20 feridos.

Uns funcionários públicos encarregados da segurança que ao parecer mostram-se surpreendidos pola grande afluência de radicais à manifestaçom, que a televisom pública MDR cifra em mais de 5.000. Isso é ao menos o que assegurava a direçom da polícia na cidade, que só estava presente «*com poucas unidades*» na manifestaçom, que começou na praça central da cidade, paradoxalmente, baixo um grande busto de Karl Marx».

Foi precisamente Marx o que escreveu em 1848 Proletarier aller Länder, vereinigt euch! («*trabalhadores de todos os países, unide-vos*»). Deveríamos ir pensando em fazer-lhe caso.

---

[1] Mais informaçom em “La otra Ley Corcuera: la patada de vuelta”, por Eduardo Gómez Cuadrado, publicado em *Tercera Información* <http://www.tercerainformacion.es/opinion/opinion/2018/08/25/la-otra-ley-corcuera-la-patada-de-vuelta>

[2] Veja-se <https://www.elsaltodiarrio.com/opinion/expulsion-psoe-pedro-sanchez-116-personas-valla-ceuta>

[3] Veja-se <https://www.elsaltodiarrio.com/fascismo/alemania-alcanza-un-punto-de-inflexion-con-la-manifestacion-neonazi-de-chemnitz>

*Porque para nós a razom  
pola que apostamos em  
apoiar a todas as pessoas  
migrantes que procuram  
entrar nas nossas fronteiras  
nom é porque seja positivo  
para a economia,  
senom porque estamos a  
falar de seres humanos  
que fogem da guerra, da  
miséria, do terrorismo,  
da corrupçom e da perseguiçom,  
polo que entendemos  
que é nosso dever  
prestar ajuda.*



# Simplicidade

## Finimondo

Vostede estivo na manifestação contra os estrangeiros que tivo lugar há uns dias em Chemnitz, Alemanha. O jornal que a entrevistou deu-lhe um nome fictício, Silvia Fascher. Nom é umha extremista de direita e quere deixalo claro. Tem 64 anos e trabalha numha empresa de pompas fúnebres. No outro dia saiu à rua co seu filho, um assistente de anciás. No domingo 27 forom 800, ao dia seguinte 2000. Ao lado dos pró-nazis, ao igual que os pró-nazis, também se lançou contra algumas crianças sírias. É o ventre, o ventre gritando, alguns diziam: «Nom quero que venham mais estrangeiros. Quando os olho, pergunto-me por que os meus impostos estam a ser usados para eles. Só quere ser jogadores profissionais ou usureros, mas se tenhem que trabalhar um pouco duro queixam-se de ter dor de costas!».

Ainda que considera que som aspirantes a parásitos holgazáns que emulan a Cristiano Ronaldo, Silvia Fascher declara que é consciente das trágicas razons que levam aos imigrantes a abandonar o seu país. Mas nom entende por que a sua si-

tuação deveria ser mais importante que a dos milhões de alemás que vivem por embaixo do umbral da pobreza. Por isso afirma que está furiosa contra o governo, que «nom fai nada». No prazo de um ano vostede juvilara-se, mas nom se levará nada, umha miséria.

Quando lhe perguntaram a Silvia Fascher por que, após avaliar toda a situação, considera aos refugiados mais responsáveis que os políticos, banqueiros e industriais... sabe o que dixo? «Porque tes que estar em contra de alguém; e com eles é simple».

Sim, justo assim. Discutir é complicado, eructar é simple. Toma-la com os verdugos responsáveis polo que está a acontecer é difícil, fazer que os matons com as suas vítimas se convirtam em chivos expiatorios é simple. É difícil desobedecer aos poderosos, a cooperação é simple.

Tomemos os banderines de Casa Pound, por exemplo. Também conhecem bem o tema da imigração, de facto o seu protesto nom é «um ataque a um grupo de pessoas desesperadas reunidas no meio do mar, senom a denúncia do negócio da imigração». Mas organizar manifestações de choque contra os que exploram a tragédia dos imigrantes é complicado —trataria-se de questionar grande parte da economia italiana— receber com gritos e zarpas em

alto aos refugiados de Diciotti à sua chegada a Rocca dei Papa é singelo.

O mesmo pode dizer-se dos prodígios de Forza Nuova, que dim estar dispostos a instalar pátios na praça para violadores: «nom podemos deixar às nossas mulheres a graça de seres que na sua cultura desprezam às mulheres cristás e europeias». Mas pendurar marionetas azuis adiante da escola de polícia de Brescia (de onde procediam os dois violadores da turista alemá em Rimini, respetuosos com as mulheres cristás e europeias) é difícil, pendurar figuras negras na praia de Jesolo é singelo.

Nem que dizer tem, ministro Salvini. Fechar as fábricas que abastecem de armas às guerras que devastam países longe da pobreza do colonialismo é difícil (além de contraproducente para o orçamento nacional, o prego fixo de todo estadista), fechar os portos aos que tentam escapar é singelo.

É por isso que hoje em dia umha Silvia Fascher repete os mesmos cánticos queridos por Casa Pound, Forza Nuova ou Salvini, e o racismo mais vicioso se está a estender como um reguero de pólvora. Porque é simple.

Chemnitz, Alemanha, finais de agosto de 2018. Bem-vindo à guerra civil.



# Liberdade de expresión en 1904 vs liberdade de expresión no 2018

Hai máis liberdade de expresión hoxe que fai 100 anos?

Segundo a percepción de todos os que militamos nos movementos sociais, o incremento da represión creceu de forma alarmante ata o punto de converter nunha odisea toda forma de protesta politicamente incorrecta: endurecemento das leis como a demencial lei de partidos ou o incremento da pena máxima de prisión ata os 40 anos sen dereito a ningunha redución de condena, o novo código penal que se vai a aprobar no ano 2015 (antes de que acabe a lexislatura) con medidas tan “marabillosas” como a prisión permanente revisable na que os maiores “delinquentes” cumpriran prisión para sempre a menos que se arrepintan (medida que só ten sentido para os presos políticos xa que os violadores e os asasinados non van mostrar o menor reparo en manifestar o seu suposto arrepentimento), a liberdade vixiada por un período de ata 10 anos unha vez cumprida a totalidade da sanción, ou a tristemente famosa lei Mordaza, pola que che poden meter ata 600 000€ de multa sen pasar por un xulgado.

A todo isto hai que engadir interpretacións das leis existentes dunha forma bastante cícnica. A día de hoxe cada vez que fas unha mani estás na man do Subdelegado do Goberno ou do mando policial, o cal che pode multar por non obedecerlle en todo á primeira e sen protestar (ofrecer resistencia, chámalle), porque entende que es un dos dirixentes da convocatoria sen mostrar ningunha proba obxectiva, porque entende que lle faltaches ao respecto ou simplemente porque te coñece e tenche teima, lembremos que Coruña é moi pequena e hai policía que se cren moi graciosos por chamarnos polos nosos nomes ou apelidos.

Tamén hai que recoñecerlle ós policía a súa gran adaptación ós tempos modernos. Xa hai deceas de persoas que se enfrontan a penas de prisión porque aparecen desde o seu dominio comentarios nas redes sociais que supostamente incitan ao terrorismo ou, simplemente, son pouco respectuosos con falecidos ós que os politicamente correctos nos obrigan a honrar. Nin que dicir ten que se somos nós os que morremos podemos ser humillados, insultados e vexados por calquera, sen que por iso se incorra en ningún delito.

A represión chega a tal punto que xa non podemos saír á rúa para protestar, sacar unha faixa, escribir un panfleto, facer unha canción ou teclear no noso computador, sen preguntarnos antes se imos ser sancionados (mesmo encarcerados) por iso. Todo isto estase realizando sen a menor oposición dos mass merda (auténticos voceiros dos principais partidos políticos e grupos empresariais do país), co máis absoluto silencio da maioría da poboación (neste caso por egoísmo e pasotismo) e dos máximos representantes do mundo da arte, cinema ou a cultura, os cales só protestan ante os senegaleses que piratean as súas “magníficas” obras e pola subida do IVE cultural, subida que só preocupa a estes “humildes traballadores”, aos demais preocupánnos máis outro tipo de recortes.

Estes días estívenme preguntando se o mundo da cultura sempre fora tan sumiso e o dominio do politicamente correcto tan absoluto, como o é hoxe en día. Se facemos caso á opinión xeral, somos a sociedade máis culta e mellor formada de toda a historia e iso xera un pobo que non se deixa someter, un pobo que non cae nos enganados do sistema, é dicir, se agora nos queixamos, imaxínache o que podía ser a España de principios de século XX. No ano 1900 calcúlase que había un 45,3% de analfabetos (54% entre as mulleres) con estes datos é de supoñer que a poboación española tiña que estar formada por unha panda de dóciles borregos e que o goberno os podía dominar ó seu antollo. Non como hoxe, agora somos tan “listos” que non nos colan unha e os políticos teñen que andar con pés de plomo, xa se sabe, “un pobo culto é un pobo libre” e unha persoa que se cre todos os tópicos cos que nos bombardean, É UN IMBÉCIL.

Para demostrar o absurdo destas teorías volvín a reler o libro “Aurora roja” de Pío Baroja, escrito en 1904. Para situarnos, dicir que os anarquistas nos últimos anos cometeran unha serie de atentados con vítimas mortais, destacando os seguintes:

-1893 bomba na casa de Cánovas del Castillo, estala nas mans do anarquista que a puxo ao tratar de evitar a morte dunha criada e uns nenos.

-1893 atentado Paulino Pallás contra o capitán Xeral de Cataluña Martínez Campos.

-1893 bomba no Liceo de Barcelona, morreron 20 persoas pero se estalase a segunda bomba e se apagaran as luces como se tiña pensado nun principio, habería moitísimos máis mortos.

-1894 atentado de Ramón Murul contra o gobernador civil de Barcelona, Larroca.

-1896 bomba nunha procesión do Corpus Christie en Barcelona, 12 falecidos.

-1897 Angiolillo mata o presidente do Consello de Ministros, Cánovas del Castillo.

-1897 Ramón Sempau atenta contra o tenente Narciso Portas (o verdugo de Montjuic).

-1903 sucesos de Alcalá del Valle, nel os obreiros e os campesiños tras unha folga xeral incendiaron os arquivos do Concello e do Xulgado Municipal.

-1904 atentado contra o Presidente do Consello de Ministros Antonio Maura (sae case ileso).

Cando se escribiu a obra a conflitividade non se estaba reducindo como demostran o atentado en 1905 contra o rei Alfonso XIII en París, o atentado de Mateo Morral en 1906 tamén contra o rei que terminou con 24 falecidos, ou os sucesos da Semana Tráxica de Barcelona de 1909.

O escritor, Pío Baroja, era xunto a Benito Pérez Galdós e Blasco Ibáñez un dos novelistas españois máis prestixiosos do momento. Ideolóxicamente, aínda que era difícil de catalogar xa que rexeitaba todo tipo de etiquetas, está claro que era bastante conservador como demostra o feito de que o Ministro franquista de Educación Nacional asistiu ao seu enterramento (en 1956) e Camilo José Cela levou as costas o seu féretro. Mesmo teño entendido que a Falanxe lle rendeu homenaxe tras o seu falecemento.

Como mostra da miña teoría vou analizar uns poucos fragmentos da devandita obra.

En Aurora Roja o autor fálanos dun tal Paco Ruiz, anarquista que faleceu ao estalarlle a bomba que puxo na propia casa de Cánovas del Castillo. No libro dise “Paco Ruiz era un home de bo corazón” para continuar explicando: “púidose escapar. Verás o que pasou; el levaba unha botella de pólvora cloratada, púxoala diante do enreixado do hotel e acendeu a mecha. Cando se retiraba, viu que ía entrar unha criada cuns nenos. Inmediatamente, recolleu a botella, e na man estaloulle; arrincoulle o brazo a explosión e deixouno morto”. Só pasaran 11 anos desde o intento de asasinato do político máis carismático do momento e 7 anos desde o día en que foi asasinado a balazos por un anarquista, e na obra Pío Baroja móstrao como un heroe.

O principal protagonista desta novela é Juan, un anarquista radical que afirma estar disposto a “facer saltar este armazón social, este conglomerado de iniquidades a forza de bombas. Hai que varrer todo o que queda desta sociedade podrecida”, un extremista capaz de “matar o neno, e ao vello, e á muller” se a situación o require igual que “o cirurxán que amputa un membro gangrenado ten que cortar car-

ne sa”. Para el “todos os camiños, todos os procedementos eran bos, con tal de que trouxesen a revolución soñada. Esta sería a aurora dun novo día, a aurora da xustiza, o clamor do pobo enteiro, durante tantos anos vexado, martirizado, explotado, reducido á miserable situación de besta de carga”. Pero ao mesmo tempo tan inxenno que se deixa enganar por un policía ao que abre a porta da súa casa, para que entre cunha bomba e todo tipo de documentación comprometida na maleta. A falta de escrúpulos dos policías, poñendo en gravísimo perigo a integridade física de toda a familia (bastaba con virar a maleta para que o ácido provocase a detonación da bomba) é unha constante ao longo de toda a novela, policías que saen moito peor parados que calquera dos diversos tipos de anarquistas que se retratan ao longo da novela (outro elemento importante, agora un dos mantras que máis se repiten é que todos os terroristas son iguais, que non se pode distinguir entre uns e outros).

Este Juan, o sanguinario anarquista con aspecto de neno enfermo, é o protagonista dun dos momentos máis emotivos da narración coa súa participación no mitin do teatro de Barbieri, no que tras pronunciar un discurso exemplar cunha elevada carga emotiva, afirmase: “unha mesma congoxa axitaba todos os corazóns; algunhas mulleres choraban. Manuel contemplou á Salvadora e viu que nos seus ollos trataban de saltar as bágoas. Ela sorriu, e entón dúas bágoas grosas correron polas súas fazulas”, “ninguén seguramente pensaba na posibilidade ou imposibilidade das doutrinas. Todos os corazóns da multitude latexaban ao unísono”.

E é que resulta difícil non sentir empatía por ese humilde e honrado dinamitero, o cal mortalmente enfermo tense que defender dun cura despótico que, non atendendo a razóns, trata de acceder (sen éxito) á alcoba do enfermo a pesar da oposición do paciente e os seus familiares, empeñado en que “é necesario que se retracte”. Xa ao final da novela falece rodeado da súa familia máis próxima e os seus compañeiros libertarios, xusto no momento en que “o sol dunha mañá de maio, brillante como o ouro, ía iluminando o cuarto”.

Ao mesmo tempo o ancián señor Canuto (tamén anarquista) estaba a se debater entre a vida e a morte porque uns “polizontes” abalanzáronse sobre el, dándolle sablazos na cabeza e nas costas e provocándolle unha conmoción cerebral da que probablemente morrería, o seu delito, non quitarse o chapeu ao paso da bandeira, ou como diría o señor Canuto: non quitarse o chapeu ante “o trapo glorioso”, “o símbolo do despotismo e da tiranía”.

Cando máis indignados atopámonos os lectores, aparecen 3 policías en escena cun auto do xuíz para facer un rexistro á vivenda e deter a Juan. Manuel infórmalles que o seu irmán acaba de falecer. Eles límitáanse a acceder á habitación na que se velaba o cadáver “sen quitarse o chapeu”, diríxense ao irmán: “a vostede convenlle que non haxa atropelos, nin escándalos, nin ningunha manifestación no enterro” e ameazando a outro compañeiro: “teña vos tede coidado de non ir ao cárcere”.

Despois desta escena, xa todos os lectores estamos convencidos de quen son os verdadeiros terroristas.

Manuel vendo o cadáver do seu querido irmán dirá: “Fúcheste ao outro mundo cun fermoso soño, cunha bela ilusión! Nin os miserables levantaránse, nin resplandecerá un día novo, senón que persistirá a iniquidade en todas partes. Nin colectiva nin individualmente poderá libertarse os humildes da miseria, nin da fatiga, nin do traballo constante e aniquilador”.

No enterro de Juan, o compañeiro chamado Libertario (por motivos obvios) tomou a palabra:

“Compañeiros: gardemos nos nosos corazóns a memoria do amigo que acabamos de enterrar. Era un home, un home forte cunha alma de neno... Puido alcanzar a gloria dun artista, dun gran artista, e preferiu a gloria de ser humano. Puido asombrar aos demais, e preferiu axudalos... Entre nós, cheos de odios, el só tivo agarimos; entre nós desalentados, el só tivo esperanzas. Tiña a serenidade dos que naceron para afrontar as grandes tempestades. Foi un gran corazón, nobre e leal...; foi un rebelde, porque quixo ser un xusto. Conserve-mos todos na memoria o recordo do amigo que acabamos de enterrar..., e nada máis. Agora, compañeiros, volvamos ás nosas casas para seguir traballando”.

Creo que xa é evidente que a valentía de Pío Baroja así como o seu compromiso coa verdade e a súa capacidade de análise, nada ten que ver coa cuadrilla de sen vergoñas que se fan chamar escritores a día de hoxe, pero deixarme que me despida cun novo fragmento que sería impensable hoxe en día. Xa sabemos que ningún vendedor de papeis (mal chamados libros) se atrevería a redactalo, pero é que aínda que se atrevese, se cambiamos onde pon anarquía por ETA ou os GRAPO que editorial se atrevería a publicalo hoxe en día? Cantas denuncias che poñerían? Cantos comunicados de repulsa se publicarían? Cantos artigos difamándote aparecerían nos mass merda? Aí volo deixo:

-Pero iso de poñer bombas así é unha barbaridade -dixo Manuel.

-Ao terrorismo de Estado non hai máis remedio que contestar co terrorismo anarquista -exclamou o Libertario.

-Pero hai que confesar que os provocadores son sempre os anarquistas -replicou Manuel.

-Non; non é certo. O primeiro provocador foi o Goberno.

-En España tamén?

-Si; en España tamén.

-Pero eu creo que antes dos atentados non ía comezar a represión.

-Pois se comezou -repuxo o Libertario-. Cando Lafargue, o xenro de Karl Marx, veu a España a pactar con Pi e Margall a formación do partido socialista obreiro, Pi contestoulle que a maioría dos españois que seguían a marcha da Internacional estaban ao lado de Bakunin. E era verdade. Veu a Restauración e tratouse de arrincar violentamente esta semente revolucionaria. Xa coa Man Negra, que non era máis que un comezo de asociación obreira, o Goberno cometeu unha infinidade de atropelos e quixo ver nela unha cuestión de bandolerismo... Pasados bastantes anos, veñen os sucesos de Xerez, demóstrase que Busiqui e o Lebrijano, que eran dous bárbaros que non se distinguiron como anarquistas, nin como nada, asasinaron a dúas persoas nunha noite de alboroto, e se lles agarrota; pero, ao mesmo tempo que a eles, agarrótase a Lamela e a Zarzuela, que eran anarquistas, pero que non tiñan participación algunha nos asasinatos. Se lles matou porque eran propagandistas da idea. O un era correspondente do Produtor, e o outro, da Anarquía; os dous incapaces de matar a ninguén, os dous intelixentes; por iso, máis perigosos para o Goberno, cuxo fin era exterminar aos anarquistas. Pasan anos e Pallás comete, para vingar aos de Xerez, o atentado da Gran Vía. Fusilan a Pallás, e Salvador bota a bomba desde o quinto piso do Liceo. Préndese a unha porción de anarquistas, e cando ían condenar a Archs, Codina, Cerezuela, Sabat e Sogas, como culpables, atopan a Salvador, o autor do atentado. Entón, vendo que eses cinco anarquistas se lles escapaban de entre as mans, que fai o Goberno? Manda abrir novamente o proceso de Pallás, e, como cómplices, fusila aos cinco. Agarrotan a Salvador, e logo vén unha cousa estupenda: a bomba da rúa de Cambios Novos, que cae desde unha xanela, ao final dunha procesión. Non a botan cando pasan os curas nin o bispo, nin cando pasa a tropa, nin cando pasa a burguesía: bótana entre a xente do pobo. Quen a arroxou? Non se sabe; pero seguramente non foron os anarquistas; se alguén tiña interese entón en extremar a violencia, era o Goberno, eran os reaccio-

narios, e eu poñería as mans no lume apostando a que o que cometeu aquel crime tiña relación coa policía. Considerouse o atentado como un ataque á forza armada; proclamouse o estado de sitio en Barcelona e fíxose un floco de todos os elementos radicais, que foron parar a Montjuich. Fusilouse a Molas, Alsina, Ascheri, Nogués e Más. Destes, todos, menos Ascheri, eran inocentes. Despois vén Miguel Angiolillo -concluíu dicindo o Libertario-, que lera nos xornais franceses o que estaba a pasar en Montjuich; oe a Enrique Rochefort e ao doutor Betances, que achacaban a culpa de todo o ocorrido a Cánovas, de quen dicía horrores; chega a Madrid, aquí fala con algúns compañeiros, confirmanlle o devandito polos xornais franceses; vai a Santa Agueda, e mata a Cánovas... Esta foi a obra do Goberno e a réplica dos anarquistas.

Manuel non podía comprobar se esta verisión era certa ou non; tiña bastante confianza no Libertario; pero podía estar enganado polos seus entusiasmos de fanático.

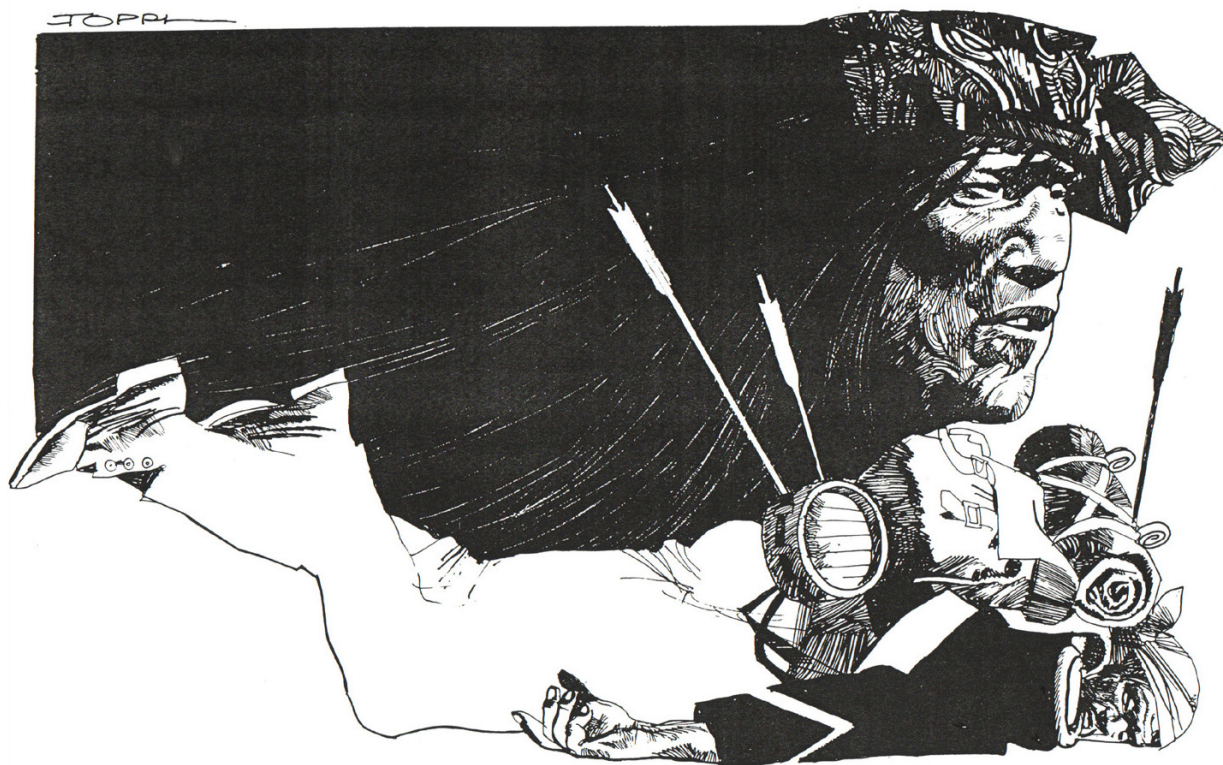
-Eu o que non podo crer -dixo Manuel-, é que a policía chegase a producir un atentado só para extremar a represión.

-Pois se iso viuse aquí en pequeno! -exclamou o Madrileño-. Cando o complot da rúa da Cabeza... no dos Catro Camiños. Pódese dicir que cando nun Círculo de obreiros anarquistas aparecen cartuchos de dinamita, proceden da policía.

-Si?

-Si, home, si -dixo o Libertario-. Ascheri, un dos que fusilaron en Montjuich, fora da policía. Cando un anarquista traballa pola súa conta, ninguén o adoita saber, nin aínda os seus compañeiros moitas veces.

*xa non podemos saír á rúa para protestar, sacar unha faixa, escribir un panfleto, facer unha canción ou teclear no noso computador, sen preguntarnos antes se imos ser sancionados*



## O bochorno da operación ICE

Por fin en España imos figurar no libro dos record Guinness. Imposible atopar un montaxe policial tan patético e unha xuiza (Carmén Lamela) que lle de tanta credibilidade o sumario policial como para meter a un chaval en prisión preventiva 16 meses.

O delito destes “perigosos” “terroristas” é o de ter explosivos tan mortais como os artefactos pirotécnicos chamados “ojos locos”, “pico de oro” o “escuadrilla de ataque”. Todos eles material pirotécnico tradicional que a propia policía reconece que non presentan ningunha modificación.

Tamén incautaron outro tipo de material igualmente “perigoso”, cito literalmente: “una bolsa con una sustancia blanca que tras su estudio se desprende que se trata de sacarosa (azúcar)”, un líquido “morado con olor a cocción de col que resultó ser caldo de cocción de col lombarda”, así como vinagre, bicarbonato, sal, un bote de zumo, un bote de aceitunas, un bote de espray “laca color fantasía” (hai que reconecer que os compas eran un pouco horteras). Obviamente os TEDAX reconecen que esas sustancias illadas non son idóneas para a elaboración de artefactos explosivos ou incendiarios, pero sometidas a uns procesos químicos e misturadas entre sí, eran útiles para facer bombas... de fume.

Ante tanta cagada finalmente decantáronse por arquivar a causa sen chegar ó xuízo, pero por non quedar de imbéciles decidiron meterlles enaltecedo de terrorismo por frases tan aterradoras como: “odiano a España odiando el tabaco” ou “Goku vive, la lucha sigue” sendo tamén absoltos.

Como xa sabedes a policía coruñesa tenta batir este difícil record Guinness a estupidez policial, acusando ós nosos compañeiros de un delito de sedición por deixarse aporrear polos axentes ó día do desaloxo da Insumisa. De momento van polo bo camiño.

# Sem refúgio

## Avis des têmepestes

Nada parece ser capaz de parar a carreira de guerra por mais tempo. Desde que o levantamento popular na Síria converteu-se em uma longa guerra civil, os massacres, a destruição e o êxodo foram bem mais lá do que podemos conceber. Os relatórios de morte faz tempo que deixaram de fazer atualizações diárias. Cem, duzentos, quatrocentos, setecentos mil mortos... Três, quatro, seis milhões de refugiados. Mil quinze mil trinta mil ataques aéreos. Os massacres têm local a uma escala fosse do alcance dos nossos cérebros. No entanto, todos eles são demasiado reais.?

O levantamento na Síria converteu-se em um magma de interesses internacionais (Estados Unidos, Rússia, Irão, Israel, Turquia, França, Inglaterra, Arábia Saudita...), no que as alianças e acordos oscilam na carreira para o abismo final. Tudo parece indicar que é inevitável um novo prolongamento da guerra, superando a ombreira de um choque indireto entre potências implicadas na guerra síria para conflitos abertos, com consequências impredecíveis, a costa de outras dezenas de milhares de mortos. Isto configurará o novo mundo no que cedo acordaremos, um mundo diferente ao da Guerra Fria, diferente do domínio de uma polícia mundial com acentos democráticos que garanta a paz nos mercados com operações militares limitadas a uma região específica. A invasão de Afrin pelo exército turco é quiçá o prelúdio da extensão de uma guerra anunciada, com rasgos bem mais grandes.?

Estamos longe dos levantamentos que sacudiram a tantos países em um momento em que a reestruturação capitalista global era a cada vez mais frequente. Estes levantamentos, os seus gritos de rebelião e liberdade, com frequência afogaram-se em san-

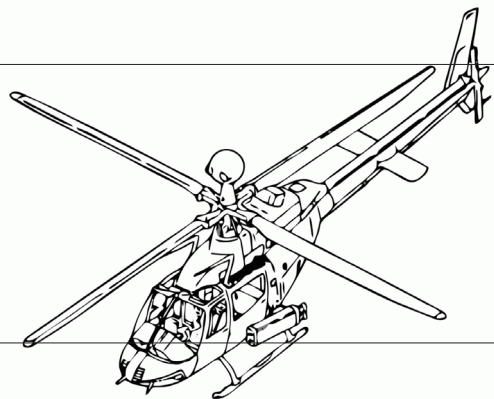
gue, abrindo o caminho a uma aceleração da militarização, a uma multiplicação das intervenções militares, com todas as suas consequências inclusive dentro dos países beligerantes. Se os centos de milhares de refugiados que chegam a Europa conduziram algumas dessas “guerras longínquas” e devastações capitalistas muito próximo das democracias ocidentais, se os esporádicos ataques jihadistas fizeram com que o som dos ataques indiscriminados se faça eco de “a guerra é a guerra! - Nas ruas de várias cidades europeias, a espiral na que o mundo está a ponto de se lançar conduz diretamente a uma verdadeira guerra, tanto externa como interna, que já não deixa a ninguém a salvo.

?A guerra que se acumula com força dia depois de dia determinará os contornos do mundo da manhã. E os anarquistas, em tudo isto? Terá ainda, cruzando a prova de fogo neste mundo de manhã? Nada é menos verdadeiro, sobretudo porque já é ?digamoslo claro?terrivelmente tarde. Ainda nos fixamos no enésimo movimento social como se anunciasses em si mesmo uma nova onda de subversão, lutamos contra tal ou qual projeto de dominação, mas sem incluir estas lutas em um contexto mais amplo, mais amplo, mais internacional, e ficamos um pouco boquiabertos quando inclusive as nossas publicações ou os nossos sítios estão na olha da justiça antiterrorista mais democrática. Movemo-nos dentro das margens que nos são concedidos, mais que em terras que nós mesmos criamos e conquistado com força e convicção. Não se trata de fazer questão da urgência, senão de ter uma visão clara e crítica da nossa situação real. O mundo queima-se, os massacres semeiam os ódios da manhã, as histórias de um mundo feito de tecnologias participativas e inclusivas revelam a cada vez mais o que são: controlo e mais controlo. E nós, em tudo isto? Nada, ou muito pouco. Se sempre é o momento de

dar um portazo, como alguém disse, então vale a pena o tentar. Tentar, a partir das nossas ideias anarquistas, recusar a guerra dos poderosos, recusar a paz dos mercados, levantar o olhar só para a libertação que não seja presságio de novas opressões: uma revolução social que destrua de acima abaixo os vestígios da autoridade, a mentalidade da obediência e a sumissão. É absurdo apontar à revolução social, em um momento em que toda perspectiva revolucionária parece tão distante? Talvez, mas os tempos já não são propícios, e nem sequer são bons para propostas possibilistas ou nihilistas que reflitam demasiado este mundo: realismo ou nada. Para os anarquistas, que o querem tudo, imediatamente, e bem mais, precisamos um projeto, com propostas claras, lúcidas, valentes. As ideias estão aí, maduras ao longo dos séculos, com frequência postas a prova, às vezes aprofundadas e com frequência passadas por alto, mas estão aí. Destruição de todas as autoridades, guerra contra todo poder e toda a escravatura, liberdade para todos. As nossas armas também estão aí: sabotagem, ação direta descentralizada, ataque sem mediação, imaginação criativa em local de programa. Também existem os nossos métodos: a ação individual, os grupos de afinidade, a coordenação pontual, a luta assimétrica da “guerrilha” em local da guerra militarista, a autoorganização informal e a solidariedade revolucionária. A partir disto, sim, inclusive em um momento em que o mundo se dirige para o abismo, temos algo que dizer, algo que fazer, algo que propor.

O céu pode estar nublado, a morte pode estar ao espreito, mas baixo nenhuma circunstância queremos renunciar às nossas propostas anarquistas, aqui ou em outro local. Amemo-las, defendamo-las, lutemos por elas. Não é seguro que tenhamos uma segunda oportunidade.

Da livraria de Ardora recomendamos o livro «**Si vis pacem. repensar el antimilitarismo en la época de la guerra permanente**» editado por Bardo Ediciones. Um compilado de textos escritos a raiz dumhas jornadas antimilitaristas que tiveram lugar em Barcelona. Os diferentes escritos vam desde reflexons críticas sobre a militarização e a loita antimilitarista, outros tratam a questom da migração e também se recolhem diferentes experiências de loita.



# Ardora

(s)editions anarquistas

Editora anarquista  
ardoraeditora.info · ardora@bastardi.net

# irmandade da costa

Kornal dixital airmandadedacosta.info  
airmandadedacosta@riseup.net